

Quando os mortos invadem os sonhos dos vivos: história e contemporaneidades

When the dead invade the dreams of the living: history and contemporaneity



RESUMO

Este artigo objetiva compreender os focos narrativos presentes nas memórias orais sobre encontros oníricos entre os vivos e os mortos na contemporaneidade. Trata-se de um recorte de uma pesquisa de doutoramento em História, concernente às narrativas sobre as aparições e os trânsitos dos mortos entre o mundo terreno e o além cristão. O texto problematiza as narrativas construídas em entrevistas de história oral, realizadas com idosos católicos, residentes nos espaços urbanos e rurais da região do Cariri/CE. Em diálogo com a história cultural, o texto demonstra como os sonhos dos entrevistados são importantes canais de acesso às sensibilidades e aos imaginários sociais. São mecanismos a partir dos quais os mortos continuam assumindo funcionalidades, ora revelando mistérios do outro mundo, ora preservando-os e ensinando lições sobre o tempo da vida, da morte e dos mortos.

Palavras-chave: Mortos – Memória – Sonhos – Contemporaneidades – Tradição Oral

ABSTRACT

This article aims to understand the narrative spots in oral memories about the dreamlike meetings between the living and the dead on the contemporaneity. This work, being a snippet of a doctoring degree research in History about the narratives on the apparitions and traffic of the dead among the terrestrial world and the Christian's beyond, this text problematizes narratives built upon oral history interviews made with catholic elders, resident in the urban and rural spaces in the Cariri/CE region. Dialoguing with the cultural history, this text demonstrates how dreams are important channels to the social imaginary and sensibility. They are mechanisms through which the dead keep assuming functionalities, sometimes revealing mysteries of the other world, sometimes preserving them and teaching them lessons about the lifetime of the dead and the living.

Keywords: Dead – Memory – Dreams – Contemporaneity – Oral tradition

* Doutor em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil. Professor do núcleo de Prática de Ensino do Departamento de História e do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Regional do Cariri (URCA), Brasil. Líder do Núcleo de História Oral e Tradições - NHISTAL (CNPq/URCA). CV: <http://lattes.cnpq.br/4970627821671141>



Aos poucos, o morto se aproximou. Ele foi chegando cada vez mais perto da cama e nada falou. Apareceu e logo sumiu, variadas vezes. E não permitiu ser visto de frente. Foi o que disse Dona Toinha, entre nossa segunda troca de olhares e diálogos gravados em abril de 2015. Quando se encontrava na cozinha da residência de sua filha, no bairro Vila Alta, na cidade do Crato, situada na região do Cariri cearense, sentamos frente a frente e conversamos. Enquanto ela descascava um jerimum, eu fazia perguntas relacionadas à presença dos mortos em suas memórias. Foi assim que ela contou:

Dona Toinha: E eu acredito que é assim: que a gente sonha com a pessoa da gente. E a gente num fala com ele, nem ele dá a frente é só as costas num é?

Joaquim: Como é isso? A senhora já sonhou...

Dona Toinha: Já. Eu sonhei com o compadre Chichico. O pai de Mayane [pseudônimo], já depois que eu tô aqui. Eu tava dormindo, e dormindo eu via ele. Ele chegava aonde eu tava. Aí, veí, veí, veí aí chegou. Aí teve perto de eu. Aí saiu de novo. Aí tornou a voltar de novo, mas não me deu a frente, só era de costa. Agora que eu conheci que era ele por causa do corpo. Aí eu disse a Leda e disse:

— Leda tu reza pra compadre Chichico que ele tá em pena porque eu sonhei com ele. E foi um sonho como se diz razoável. E eu tô achando que ele num tá muito bem não.

Pode ser que teja porque ele já morreu né. Ele era uma pessoa muito boa. Quer dizer, pra mim eu achava ele uma pessoa muito boa.

Joaquim: E quando as almas dos mortos aparecem nos sonhos, o que é que quer dizer?

Dona Toinha: Diz que é porque tá em pena. Quando aparece assim, que a gente vê eles em sonhos diz que porque tá penando. O povo diz. Os mais velhos né?¹

Agricultora possuidora de seus 88 anos, Dona Toinha é uma mulher magra e de baixa estatura, mãe, viúva, católica e rurícola. Ela é muito procurada para rezar nas sentinelas e ajudar o moribundo a morrer segundo os ritos fúnebres católicos, tradicionais na comunidade em que morava quando mais jovem e onde ainda hoje reside, no distrito Monte Alverne, na zona rural do município do Crato.² Quando mais jovem também era procurada para produzir as mortalhas dos moradores daquele lugar e das áreas adjacentes.

De maneira similar à narrativa de Dona Toinha, em muitas situações registradas nas entrevistas de história oral que desenvolvi entre os anos de 2012 e 2015, nos espaços urbanos e rurais do Cariri, a fim de compreender as narrativas sobre a presença dos mortos no cotidiano dos vivos, muitos deles invadiram o sono dos narradores. E, nas entrevistas, há experiências oníricas que tocam profundamente o terreno sensível das emoções. Esta situação ocorre principalmente quando o onirismo projeta os sujeitos ao reencontro com parentes e outras

¹ Entrevista realizada por mim a Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, no bairro Vila Alta, Crato.

² Os ritos são compreendidos como “condutas corporais mais ou menos estereotipadas, às vezes codificadas e institucionalizadas, que exigem um *tempo*, um *espaço cênico* e um certo tipo de atores: Deus (ou os antepassados), os oficiantes e os fiéis participantes do espetáculo” (Catroga, 1999, p. 11).

pessoas presentes nas cartografias dos seus afetos, embora já tenham realizado a viagem ao outro mundo.

Entre as narrativas gravadas, há muitos casos que apontam para a visualidade dos mortos e seus trânsitos nas dimensões do além cristão, por intermédio de experiências oníricas. De acordo com Peter Burke (2006), os sonhos possuem uma camada de significado cultural, além de uma pessoal e outra universal. São, portanto, indícios, fontes potenciais para as pesquisas históricas. Logo, do ponto de vista do conhecimento histórico, é possível se debruçar sobre sua interpretação cultural a partir dos conteúdos manifestos.

Seguindo algumas das trilhas interpretativas apresentadas por Peter Burke (2006), Jean-Claude Schmitt (2014 e 1999), Jaques Le Goff (1994) e Maria V. Jordán Arroyo (2011), tomo os sonhos como um caminho pelo qual é possível entender sensibilidades e imaginários sociais, visto que, mediante as experiências oníricas, são percebidas, em certa medida, algumas aspirações individuais e coletivas, preocupações e desejos, estando na esfera pública e/ou constitutivas do cerco mais íntimo dos sonhadores. De igual modo, a análise dos sonhos possibilita compreender os modos pelos quais a linguagem onírica é interpretada, quando posta em relevo.

Tomando as narrativas sobre os sonhos com os mortos como pontos de acesso às sensibilidades religiosas dos narradores, suas projeções imaginárias e subjetividades, cabe indagar: Quais dimensões simbólicas os entrevistados narram, quando acionam nas memórias as experiências vividas com os mortos durante os sonhos? Há singularidades e temporalidades específicas para as visões oníricas sobre o mundo terreal e o além? E, principalmente, quais os focos narrativos e seus significados que vêm à luz nos trechos em que relatam encontros com os mortos nas experiências oníricas?

Quando os mortos vêm...

O sonho é o teatro sobrenatural da subjetividade cristã

(Schmitt, 2014, p. 21).

No caso narrado por Dona Toinha há pouco citado, as costas e o desenho do corpo evidenciaram quem era aquele finado: trata-se de seu genro, ex-marido da filha em cuja residência ela se encontrava. Não obstante, ele fosse identificado como um bom homem enquanto vivo, foi narrado, depois de falecido, sob o signo da dúvida, pois, de acordo com a tradição oral reiterada pela narradora, a aparição dos mortos nos sonhos é sinal de que eles estão sofrendo e carecem dos sufrágios dos vivos para ascenderem nos percursos do além. A costureira das mortalhas de Monte Alverne, quando narrou a aparição para sua filha, a viúva daquele homem, solicitou orações para aquela alma, por considerar que ela estava penando no outro mundo. Nesses casos, o sonhar com o finado estimula à ação religiosa dos sonhadores.

Lembro que, conforme alguns entrevistados, sonhar com um morto vendo-o de frente remete ao tempo anterior ao momento de sua morte. Logo, faz rememorar a memória de



algum momento vivido no passado ou, de forma enigmática, remete a momentos posteriores à sua morte, porém sendo vistos e narrados como estando vivos. Na contraposição, vendo seus desenhos corporais, gestos ou vultos sem, no entanto, avistar sua face, significa vê-lo no tempo posterior ao transpasse, portanto, representa um reencontro entre o vivo e o falecido. Eis as memórias do penitente Nivaldo Santos, quando indagado sobre a possibilidade de ver almas:

Seu Nivaldo: Não, não tem não [o merecimento]. Ah, se eu vesse uma alma rapaz, ah se eu vesse. Pronto, meu pai morreu, ah se eu visse meu pai. Às vezes sonho, mais não estou vendo a alma, ele em pessoa né? Num é assombrando. Eu queria ver meu pai, eu queria ver minha mãe. Queria dar a benção à minha mãe. Era a alma da minha mãe me abençoando. Eu queria ver um colega meu que com meus amigos eu brincava era muito. Aqui morreu um colega meu, eu queria encontrar com ele. Eu encontro? Encontro não que eu não tenho o merecimento, eu sou pecador. Aquela alma tá purgando o pecado naquele canto. Ela não se apresenta pra pecar mais não. Que eu sou um pecador, não tenho merecimento de ver aquela alma não.

Joaquim: E essas almas que aparecem?

Seu Nivaldo: Visão. Você sente aquilo. Pra você é. Visão que você tem, lembrança daquela pessoa. Comparação, eu tô aqui, aí eu vou e me lembro do caba que já morreu, aquela pessoa passou perto de mim. Mais eu num teve o merecimento de ver ele. Porque a gente sente, mas não vê. A gente sente mas não vê. Porque não teve aquele merecimento de ver, se vê, se você vê, você quer falar. Aí aquela pessoa não fala.

Joaquim: Mas mesmo assim tem algumas almas que aparecem?

Seu Nivaldo: Aparece só a visão, como quem seja aquela pessoa. Porque você vê aquele vulto. Você num vê o rosto não. Só viu aquela formatura. Se aparecer assim como eu e você aqui né? Nós todos aparecendo. Se você, se eu ver uma alma, eu estou vendo as costas dela, eu num vejo o rosto não. Se eu ver o rosto eu me assombro. Eu num tenho esse merecimento. Nem uma pessoa tem o merecimento de ver o rosto de um morto, assim que já foi enterrado. Porque não sabe, não tem quem diga como é o rosto de uma alma que aparece não. Ela não aparece mostrando o rosto não. Aparece aquela formatura, porque é aquela visão. Aquela formatura daquela pessoa, você conhece que é a pessoa, pode pensar que é a pessoa porque acha parecido as costas dele. Mas a frente as pessoa nunca viu, nunca viu não.³

As memórias desse agricultor de 65 anos, penitente da Irmandade da Cruz do sítio Cabeceiras, zona rural do município de Barbalha, enfatiza seu desejo de rever seu pai, dar a benção à sua mãe e abraçar seu amigo. Assim, sua vontade de ver, falar e tocar os mortos familiares e os demais com os quais construiu afetos é um elemento importante na narrativa, para designar o que ele entende por encontrar o morto, o que corresponde justamente às sensibilidades visuais, auditivas e táteis. Além disso, Seu Nivaldo afirma que nunca ouvia

³ Entrevista realizada por mim a Nivaldo Santos, em 05/04/2015, na residência do seu irmão Antônio Sales, sítio Cabeceiras, Barbalha.

ninguém contar ter visto o rosto de uma alma, motivo pelo qual ele reitera a possibilidade de sentir aquela presença, porém estando a face invisível aos olhos do corpo. Esse é o estado sensível da percepção que Seu Nivaldo afirma compreender a visita de um morto querido. Trata-se, portanto, de um saber sensível.

De acordo com Sandra Jatahy Pesavento (2014), os conhecimentos sensíveis operam como uma forma de apreensão que não é desencadeada por um saber racional ou pelas elaborações mentais mais elaboradas, mas a partir dos sentidos. “Às sensibilidades compete essa espécie de salto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com as subjetividades” (Pesavento, 2014, p. 56).

Na construção de seu saber mediante as tessituras das sensibilidades e dos seus diálogos com outros narradores, bem como por meio de suas memórias sobre momentos vividos outrora com seus parentes e antepassados, Seu Nivaldo procura explicar o porquê de os vivos não avistarem as faces dos mortos. Para ele, os pecadores não têm o merecimento de ver o rosto dos falecidos. Se vê-los, vão querer falar, e os defuntos não podem se comunicar com os vivos pois, na medida em que estão purgando seus pecados, não lhes é permitido voltar a dialogar com os pecantes. Nesse direcionamento, para o narrador, ver e encontrar com os mortos significa merecer essa diferença. Nesse sentido, é nas lides enigmáticas do merecimento, tanto dos vivos quanto dos mortos, que os falecidos organizam suas vindas aos encontros com os sujeitos nas temporalidades oníricas.

As memórias de Seu Nivaldo também apresentam ambiguidades. Nessa contenda, na mesma medida em que ele demonstra querer ver e reencontrar seus familiares e amigos queridos já falecidos, ele informa como a visibilidade sobre o rosto de uma alma assombra os vivos. Assim, insinua querer reencontrá-los, mas não para ser assustado. Nesses termos, é adequado frisar que há diferenças entre aparições oníricas nas quais os mortos assumem uma postura benevolente e benéfica aos vivos, e outras a partir das quais perturbam e assombram o sono e o dia a dia dos sonhadores.

Esse jogo complexo faz alusão e vivifica crenças relativas aos sonhos na teologia cristã difundidas na renascença, em que muitos ainda se fazem presentes na contemporaneidade do Cariri cearense, pois foram projetados no tempo de longa duração e nas lides do imaginário paulatinamente difundido no Novo Mundo. Na linha desse esforço interpretativo, Maria Arroyo (2011) enfatiza como esta teologia cristã herdada da Idade Média apresentou uma tipologia dos sonhos, classificada em três ordens. A classificação compreendia: 1. a causa interna, explicada a partir do plano humano, mental e biológico; 2. O sonho teológico, instrumento de uma revelação divina e 3. Protagonismo demoníaco, terreno onírico urdido pelo Demônio.

Nas memórias dos fiéis narradores, a origem de seus sonhos com os mortos não é revelada abertamente ou percebida na primeira leitura. É necessário atentar o olhar e desvelar as narrativas, porquanto muitas vezes são apresentadas como enigmáticas, ambíguas e insolúveis. São marcadas pela lógica do merecimento, bem como pelos mistérios do além. Esses aspectos se imbricam, estão entrelaçados e são, em muitos casos, indissociáveis.

Conforme as narrativas, os sonhos são marcados com muitos signos místicos e misteriosos do tempo. Às vezes, alguns indícios são decifrados, em outros casos, são

resguardados nas lides do silêncio. Na continuação da entrevista com Dona Toinha, ela foi interpelada, e discorreu:

Joaquim: E teve algum outro sonho? A senhora sonhou outra vez com alguma outra pessoa?

Dona Toinha: Não adespóis que eu tô aqui, não, num sonhei não. Só com ele mesmo.

Joaquim: E lá no sítio?

Dona Toinha: Lá no sítio, sempre eu me entendia com as coisas e sonhava com meu povo que morreu. Me lembra.

Joaquim: A senhora se lembra de algum desses sonhos?

Dona Toinha: Me lembra. Ave Maria, meu marido chegava, ele chegava perto deu aí dizia:

— Vamos mais eu.

Aí eu dizia:

— Vou nada.

Agora eu vendo ele dentro de uma roça de mandioca verde. Aí o povo diz que quando a gente sonha com uma pessoa da gente que morre, que a gente vê dentro de uma roça de coisa verde num sabe? diz que é bom. Eu sonhei com ele dentro de uma roça de mandioca verde. Ele falando com eu, mais eu num, eu dei sinal que não, porque ele me chamou para ir mais ele, mais eu num queria ir né?

Joaquim: E a senhora acha que era para ir para onde?

Dona Toinha: Eu num sei não. Eu num sei se ele andava penando também né? Que às vezes acontece né?

Joaquim: E por que é que sonhar com uma coisa verde, na roça, é uma coisa boa?

Dona Toinha: Diz que é coisa boa. Os povos mais velhos diz que a pessoa sonhar com uma pessoa morta no mato verde, diz que é muito bom.

Joaquim: Mas era bom por quê?

Dona Toinha: Porque ele tinha uma certa passagem para ele.⁴

De acordo com Peter Burke (2006), os sonhos possuem significados culturais, sendo moldados de duas maneiras no mundo cultural do sonhador: 1. Em determinada cultura, os símbolos oníricos podem ter significados específicos; 2. O conteúdo manifesto nos sonhos é também constituído pela cultura do sonhador. Nesse direcionamento, os sonhos dizem muito sobre ele e, igualmente, sobre o cenário social e cultural no qual ele vive.⁵

Dessa maneira, os signos apresentados na narrativa tecida por Dona Toinha são muito instigantes. Quando indagada sobre os sonhos vividos em sua residência, no sítio Monte Alverne, um encontro com seu marido morto foi narrado. No sonho, eles promoveram uma rápida conversa, o que faz lembrar a dimensão auditiva da experiência onírica. Ora, os vivos e os mortos se comunicam por meio de gestos corporais, ora via expressão de símbolos e signos, ora pela capacidade linguística de ambos.

⁴ Entrevista realizada por mim a Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, no bairro Vila Alta, Crato.

⁵ Na história cultural de Burke, há destaque para uma divisão ou tipologia das experiências oníricas, a saber: 1. Os sonhos individuais, aqueles que não seguem um enquadramento dos conteúdos e signos; 2. Sonhos "padrão da cultura", explicados em termos de experiências culturalmente estereotipadas. A análise de ambos conflui para uma história da imaginação coletiva (Burke, 2006, p. 49-58).

No sonho vivido por Dona Toinha, o morto convidou-a a acompanhá-lo em um percurso indecifrável na fala. Não aceitando o convite, a narradora acorda, apresentando, por sua vez, um signo do tempo: o finado encontrava-se no meio de uma roça de mandioca verde. O espaço e sua cor são de extrema importância na narrativa, por evidenciar a experiência e a circunstancialidade purgante da alma. Segundo os mais idosos, afirma Dona Toinha, sonhar com um morto na roça verde tem significado positivo, tanto para ele quanto para os vivos.

Perscrutando fragmentos da primeira entrevista realizada com Dona Toinha em dezembro de 2013, em sua residência, as memórias sobre o sonho na roça ganham sentidos singulares tocantes à sua identidade social. Naquela entrevista, enquanto eu tentava direcionar a fala para as aparições dos mortos, ela puxava a conversa para os assuntos associados aos vivos. E quando eu finalizava a entrevista, ela narrou:

Joaquim: Pois muito obrigado Dona Toinha, pela entrevista.

Dona Toinha: Agora que eu era uma mulher artista. Toda arte que uma mulher fazia, eu fazia. Que o povo fazia, que eu via o povo fazer, eu fazia também. Croché, bordar, costurar. Trabalhar na roça eu achava muito bom. Menino eu achava bom trabalhar na roça.

Joaquim: E nas roças as pessoas contava essas histórias de alma?

Dona Toinha: Não. Na roça ninguém contava história de alma não. Na roça agente fazia era se divertir, conversando, achano graça. Coisa melhor do mundo que tem é se de trabalhar. Num tem outra arte melhor do que se trabalhar não. Foi a arte que Deus deixou pro homem e a arte melhor que tem é essa. Que você num fala da vida de ninguém. Você num se lembra de nada. Você só se lembra do que você tá fazendo. É bom demais. Agora trabalhar de arte você mata a cabeça. Trabalhar de arte. Costurar. Bordar você mata a cabeça também. Acaba com a vista. É cansativo. Agora tecer, eu tecia que achava bom. Eu achava bom demais tecer. Ave Maria. Eu achava melhor tecer do que costurar.⁶

Por reconhecer-se como uma mulher artista por trabalhar com as diversas artes outrora atribuídas às mulheres, como bordar e costurar, e uma exímia tecelã, a narradora enfatiza o quanto gostava de trabalhar na roça quando era mais jovem, bem como depois de casada, na convivência com o marido, pois ele também era um agricultor. O tempo é descrito como momento de prazer, de conversas engraçadas e boas risadas. Portanto, há um olhar sobre esse passado no qual o tempo era trabalhado no convívio com o marido, na roça. Sem pensar nas demais dificuldades do viver, hoje ela se lembra das vantagens de ter uma ocupação. Atualmente, ela é aposentada e mora sozinha no sítio Monte Alverne.

É válido lembrar que, nos registros de memória de quem trabalha ou trabalhou na terra, o chão recoberto pelo mato verde representa bonança, pois concerne à expectativa de um bom inverno, uma passagem do tempo marcado pela certeza de boa colheita. Na aparição onírica narrada, o mato verde representa uma boa passagem do morto nos tempos do além, por conseguinte, um trânsito seguro nos percursos do outro mundo. E, ao considerar que

⁶ Entrevista realizada por mim a Antônia Rodrigues, em 01/12/2013, em sua residência, sítio Monte Alverne, Crato.

trata-se de uma “coisa boa”, então este trânsito pode ser concernente à bem-aventurança. Essa aparição tem, portanto, a função de tranquilizar a consciência daquela mulher, na medida em que informa sobre a ascensão celeste de seu finado marido.

Em outras experiências, alguns mistérios sobre a progressão dos mortos no outro mundo são revelados por meio de outros conteúdos manifestos nos sonhos. Eis a continuação da entrevista com a costureira das mortalhas:

Joaquim: E além desse sonho com o marido da senhora teve outro sonho que a senhora lembra?

Dona Toinha: — Não. Num lembra não, me lembra que sonhei só com ele mesmo. Num sonhei com outras pessoas meus que morreu não. Sim, eu sonhei com uma irmã minha. Essa irmã minha ela morreu aqui no Crato e se enterrou-se aqui no Crato. Ela morava em Nova Olinda. Aí adoeceu foi lá pra casa. Aí disse:

— Eu vim ficar aqui mais tu, porque eu num tem quem cuide d’eu. Aí eu vim ficar mais tu.

Aí eu disse:

— Tá bom, pode ficar.

Aí eu internei ela. Aí com oito dia de internada ela faleceu né? Aí ela disse:

— Você não me leve para Nova Olinda não.

Porque minha mãe morreu nas minhas mãos. Aí eu fiquei sete mês luitando com ela. E ela morreu no meu colo. E no enterro dela eu fui deixar em Nova Olinda, porque ela dizia que queria se enterrar na catatumba dos pais. Eu disse:

— Vai. A senhora vai,

— Ói.

Eu disse:

— Vou deixar, eu vou.

Num dia de inverno, muita chuva. Aí nesse dia que ela morreu choveu a noite todinha, o rio cheio. Aí, o rapaz que eu tinha falado para levar ela, aí foi dizer a ele. Que ela tinha falecido aqui. Aí ele foi e disse:

— Diga a sua mãe que venha com ela, ajunte um povo e venha com ela até na metade do caminho que eu num posso travessar o rio. Vocês vem de pé com ela atravessa o rio e eu de carro eu num atravesso, porque a ponte é muito larga, que a ponte lá é larga. Aí vocês diga a ela que venha deixar que eu espero lá.

Aí eu fui deixar. Ele me esperou lá na derradeira ladeira. E eu cheguei, entreguei a ele e ele levou. Aí fui mais ele, fui deixar ela do jeito que ela queria. E nunca sonhei com ela, acredita? Eu fiz o gosto dela e nunca sonhei com ela.

Joaquim: Essa aí foi a mãe da senhora ou foi sua irmã?

Dona Toinha: Foi minha mãe. Agora minha irmã, essa que morreu aqui no Crato e se interrou-se aqui no Crato, eu sonhei com ela assim, já depois que eu tô aqui. Já depois que eu tô aqui [residindo na casa da filha, na cidade do Crato]. Eu sonhei com ela assim: ela chegava aonde eu tava puxando um cachorrinho. Aí eu dizia:

— Luzia, para onde tu vai mulher?

Aí ela disse mesmo assim:

— Eu vou para Nova Olinda.

Aí me acordei. Num vi mais ela. Ela vestida numa roupinha branca de botão puxando um cachorrinho amarrado. Ela é enterrada aqui [no Crato]

Joaquim: A senhora falou que ela estava com a roupa branca. Tem algum sentido?

Dona Toinha: Diz que tem. Quando a gente vê uma alma vestida numa roupa branca diz que será felicidade para ela.

Joaquim: Felicidade para a alma? E ela fica aonde?

Dona Toinha: Está com esperança de se salvar né. Sem dúvida.

Joaquim: E quando é de outra cor?

Dona Toinha: Diz que num é bom não.

Joaquim: E a senhora falou do cachorrinho no sonho...

Dona Toinha: Ela puxando o cachorrinho. Eu num falei do cachorrinho, só fiz perguntar a ela [...]

Joaquim: E os bichos, como cachorros e outros bichos eles tem alma também?

Dona Toinha: Num sei, acho que num tem não. Negócio de cachorro, gado, porco, criação, acho que num tem não. Esses bichos aí num tem alma não.⁷

Da mesma forma que a mãe quando viva, a irmã residia na cidade de Nova Olinda, também situada no Cariri. Talvez esta última tenha sido comunicada da proximidade temporal de sua viagem para o outro mundo – embora os motivos não tenham sido mencionados na conversa – visto que ela já se preparava para o momento da morte, não desejando vivê-la sozinha. Na formação religiosa católica brasileira, isto constituía um grave perigo para a alma, como João José Reis (1991) analisou sobre o Brasil de oitocentos. Estes aspectos perduraram no Cariri do século XX e adentraram no século XXI permanecendo, principalmente, nos espaços rurais da região (Santos, 2009).

Dona Toinha uniu essas experiências, portanto, para demonstrar como era prestativa aos casos de familiares prestes a morrer, sobre os quais se debruçou demasiadamente na primeira entrevista realizada, narrando os pormenores atribuídos aos cuidados e a atenção dedicada à mãe, às duas irmãs, Gertrudes e Luzia, e ao marido. Por ter cuidado direitinho da morte da mãe e ter atendido seus pedidos, tal morta nunca lhe apareceu (o que demonstra a realização de um bom trânsito nos caminhos do além?).

Na aparição, Dona Toinha indagou à irmã qual a direção de sua caminhada. Prontamente, a morta respondeu dirigir-se à cidade de Nova Olinda, sua antiga morada. É importante lembrar que, entre os mais velhos, é comum escutar o desejo de ser enterrado na terra natal. O espaço da morada durante a vida é também fortemente lembrado nas narrativas como o lugar adequado para o corpo morto ser enterrado. Nesses casos, os cemitérios das cidades nas quais os falecidos moravam são apontados como os últimos lugares para a morada ou a derradeira casa, como comumente relatam.

Não é por acaso que isso ocorre, pois lá estão também os jazigos e túmulos coletivos e familiares. Assim, tais vontades revelam o desejo da proximidade corporal com os mortos

⁷ Entrevista realizada por mim a Antônia Rodrigues, em 04/04/2015, no bairro Vila Alta, Crato.

da família. Nas narrativas fica claro o desejo dos vivos de serem enterrados próximos, principalmente, da mãe, do pai, dos filhos, marido e/ou da esposa, quando estes últimos levam o matrimônio até o fim de suas vidas terrenas. São sensibilidades tocantes à proximidade dos corpos mortos, como se, para voltar ao pó, os corpos não estarão desacompanhados.⁸ Os afetos familiares na vida são igualmente as ternuras desejadas para serem agrupadas após a morte, como se a proximidade corporal terrena aproximasse as almas do outro mundo.

As memórias da narradora indicam que tal aparição ensina. Ela reforça que, se o corpo morto não pode voltar à terra natal para ser enterrado, aquela alma resolveu voltar. O rápido contato foi quebrado quando o sono foi despertado. Esta visão onírica revela mais um indício do tempo da morta, elucidado a partir da cor da mortalha, branca.

Vale salientar que as cores têm significação religiosa e ajudam os vivos a interpretar os caminhos dos mortos nos mistérios do outro mundo. No caso narrado, a significação da cor branca dos trajes da morta está assentada na tradição cultural cristã difundida no Ocidente. Nos escritos que mencionam aparições de espectros, as cores das almas que se manifestam no mundo dos vivos, que foram registradas nos escritos dos clérigos, dizem muito sobre seu estado de purgação ou seus avanços no soerguimento à salvação. Quanto mais branca melhor sua posição no além, o que corresponde ao alívio dos seus sofreres (Le Goff, 2007; Schmitt, 1999).

Referindo-se às aparições das almas nas narrativas escritas do Ocidente medieval, Schmitt (1999) completa que a cor dos trajes do morto elucida particularmente sua sorte nos destinos do além e, por ventura, sua melhora. De modo amplo, os extremos preto e branco e suas colorações intermediárias possibilitam vislumbrar, por meio dos ritmos das aparições, os avanços do mesmo morto no caminho da bem-aventurança ou a inércia e permanência de suas penas. No processo de redenção ele aparece “primeiro todo preto, depois meio preto, meio branco, e enfim, todo branco, quando vem uma última vez para fazer saber àquele que o socorreu por suas preces que está definitivamente salvo” (Schmitt, 1999, p. 226). Nas narrativas orais registradas na contemporaneidade do Cariri, tal coloração pode referir-se às vestimentas do morto, ao seu vulto ou, até, ao desenho de seu corpo. Isso ocorre tanto nas aparições à luz do mundo terreno quanto nas visões ocorridas nas experiências oníricas.

Segundo Dona Toinha, aquela foi a única vez em que sonhou com a irmã, o que parece plausível interpretar como sendo sua elevação aos resplendores celestes e libertação das amarras purgantes. Logo, tal intervenção do morto no sono ganha a conotação de despedida, tanto no que diz respeito às irmãs quanto ao vínculo da morta com seu torrão natal.

A partir dessa linha interpretativa, a vinda dos mortos nos sonhos dos vivos indica continuidades das crenças sobre seus estados e avanços no outro mundo, o que reforça a compreensão concernente às temporalidades de sua purgação e, outrossim, aviva os sentimentos que os narradores constroem sobre os familiares já falecidos. De igual maneira, a vinda dos mortos nos sonhos dos vivos faz lembrar que o sonhador tem mortos do outro lado da existência.

⁸ Sobre a construção histórico-cultural dos enterramentos dos cristãos nos túmulos dos pais e demais ancestrais, ver Lauwers (2015).

Em outros entrecos oníricos, os mortos invadem os sonhos para cobrar a ajuda dos vivos no que se refere ao cumprimento dos ritos fúnebres dedicados ao seu corpo morto, no tempo próximo ao momento do falecimento, antes do rito do enterramento. Na primeira entrevista realizada com a costureira das mortalhas, Dona Toinha contou uma experiência singular. No momento em que explicava os modos dos trajés e os significados das mortalhas de acordo com a faixa etária e o gênero dos mortos, ela recontou quando outra morta lhe apareceu:

Joaquim: E a senhora era muito procurada pelas pessoas da redondeza pra fazer a mortalha?

Dona Toinha: Era. Todo mundo que chegava, todo mundo que chegava. Todo mundo que morria me procurava, quando não me procurava, mandava deixar lá em casa. Quando eu fazia ia deixar pra arrumar a pessoa. Era assim. Eu num conto nem do tanto.

Intervenção de Mayane [neta da narradora]: Aí vó parava a costura pra fazer a mortalha dos defuntos?

Dona Toinha: Era o jeito. Era o jeito que tinha. Podia ser de vexado pra quem quisesse, mas jogava pra lá e ia fazer de quem morresse.

Joaquim: E tinha as diferenças? Por exemplo: se era pra criança, se era pra adulto, pra homem ou pra mulher. A mortalha era diferente ou era tudo igual?

Dona Toinha: Não. Pra homem era calça e camisa. Pra criança fazia a mortainha inteirinha e amarrava um negocinho na cintura. Uma fita, uma coisa. Vestia uma bermudinha por debaixo, aí vestia a mortalinha por riba.

Joaquim: E pra mulheres?

Dona Toinha: Pra mulher fazia era vestido, mortalha inteira. Num sabe? Do jeito que é hoje. Fazia do mesmo jeito. Do jeito que é hoje. Hoje num é a mortalha inteira? Pois do mesmo jeito era. Fazia a mortalha inteira. Vestia uma roupa por debaixo e vestia uma mortalha por riba.

Joaquim: E as pessoas não tinha medo da senhora não, porque a senhora fazia mortalha?

Dona Toinha: Não. Não tinha não. E nem eu tinha de ninguém. Nunca tive medo de ninguém. Desse povo que eu arrumava, que morria que eu arrumava, nunca nenhum me apareceu. De jeito nenhum. De jeito nenhum. Só teve uma pessoa que morreu e eu vim pra casa. Num arrumei ela. E quando cheguei em casa que agarrei no sono, me acordei pegada na mortalha dizendo:

— Vamos comadre Raimunda.

Foi a mãe de Expedito Tele que morreu queimada. Aculá no Murro Dourado. E o filho dela foi pra Dom Quintino, comprou o pano, quando chegou disse:

— Dona Toinha, a senhora tá aqui vai fazer a mortalha de mamãe.

Aí eu fiz a mortalha dela. E eu tinha ido mais comadre Raimunda Braz.

Aí eu disse:

— Comadre Raimunda eu vou me embora.

Porque eu fui mais Dona Pureza, Nazaré Zidora, Francisca de Seu Né, Maria de Luís Leandro. Aí era eu cortando e Maria de Leandro passando na máquina. Porque nós tudo queria vim simhora. Aí nós demoremos por causa que chegou esse pano aí o filho dela pediu pra fazer aí nós

num pode deixar de não fazer, vamos fazer. Aí Doma Maria disse:
— *Apois é, tu vai cortando, aí vai me dano e eu vou costurando, aí nos tanto nós faz. Aí assim foi.*
Aí eu disse:
— *Comadre Raimunda, tu vai ficar, aí agora tu fica e tu veste a mortalha de Dona Rosa que eu vou pra casa.*
Aí vim né. Aí quando eu cheguei, vinha enfadada que eu trabalhava de roça, eu trabalhava na máquina, eu tecia, eu fazia toda arrumação de arte eu fazia. Aí eu cheguei, me deitei e agarrei no sono. Aí me acordei. E aquele sonho com aquela pessoa dizendo:
— *Vai vestir a mortalha de Dona Rosa. Pega a mortalha de Dona Rosa e vai vestir a mortalha de Dona Rosa.*
Aí eu disse:
— *Aí meu Deus, eu não vesti a mortalha da mulher, tô sonhando com a mulher e a mulher me pedindo pra eu vestir a mortalha dela.*
Aí num dormi mais. Dormia esse soninho, aí num dormir mais. Aí quando foi no outro dia eu vi comadre Raimunda e disse:
— *Comadre tu ajeitou Dona Rosa?*
— *Ajeitei comadre. Eu ajeitei. Que nós era comadre. Ajeitei. Eu arrumei ela bem arrumada.*
Eu disse:
— *Comadre, depois quando eu cheguei em casa, que me deitei, que agarrei no sono, ela, falei com ela, eu agarrada na mortalha e ela me pedindo pra eu vestir a roupa nela.*
Ela disse:
— *Não, mas eu arrumei ela. Eu disse:*
— *Tá bom.*
Aí daí pra cá, eu num arrumei mas ninguém pra sonhar com ele. Como arrumei a mulher de Guri, arrumei o finado Pedro Tatá, arrumei minha mãe, que morreu tudo depois dela. Minhas irmãs, morreu tudo depois dela e num sonhei mais com ninguém depois dela. Só foi dessa vez, porque eu fiz e num arrumei, num arrumei. Fiz e num arrumei.⁹

Para a costureira, a aparição auditiva evidencia um reclamo da finada. Nesse caso, o sonho apresenta, igualmente, uma exemplaridade do tempo: não basta preparar a mortalha, quem a produz não pode ter pressa de sair do recinto ou deixar as tarefas alusivas aos cuidados do corpo morto para outrem. Ao contrário, é necessário cumprir os ritos de tempo e do espaço fúnebres: costurar e vestir, preparar e enterrar, entre outros.

A pressa parece ser inimiga do morto, cabendo aos religiosos viver o tempo da morte de outrem, sendo ela preparada e planejada segundo as temporalidades da boa morte e os devidos cuidados com os mortos e seus corpos. Tais aspectos representam continuidades das tradições fúnebres, como Martins (2015) registrou em alguns espaços interioranos do Brasil do século XX.

Nas entrevistas produzidas, não faltam situações em que há encontros, ensinamentos e exemplos, entre vivos e mortos. Eles, por sua vez, são recheados de significados condizentes com as prerrogativas da passagem dos mortos para a vida eterna, e para a tranquilidade dos

⁹ Entrevista realizada por mim a Antônia Rodrigues, em 01/12/2013, em sua residência, sítio Monte Alverne, Crato.

vivos. Esse objetivo, aliás, parece ser um dos principais focos narrativos.

Nas memórias, às vezes os mortos estão com outros seres, ou se deparam com criaturas ferozes. No caso da narrativa de Dona Toinha, sua irmã seguia com um cachorrinho para Nova Olinda. O animal ocupa um lugar secundário na trama contada. Em outras memórias, todavia, os cachorros aparecem ganhando destaques e apresentando lições aos vivos. Foi o que disse Dona Maria do Horto:

Maria do Horto: Olhe o homem fazia benefício. É bom enterrar o morto né, que quando ele se vê numa grande aflição vem àquela pessoa e salva, né não? Olhe os cachorros, se a pessoa bem soubesse não judiava dos bichos. O homem ele criava muito cachorro e fazia benefício aos cachorros, o que fosse pra dá, dava né? Os que morrem e ele estavam caçando. Isso é uma história antiga, num é muito antiga não, mas sempre contam. O homem estava caçando e encontrou-se com uma onça e só Deus, aí com pouco viu foi um monte de cachorro né, um monte de cachorro atrás da onça, olhe ele escapou que quando foi de noite ele sonhou com aqueles cachorros, tá vendo? Deus, a caridade é tudo, né!
Joaquim: Ele sonhou, e esses cachorros eram almas?
Maria do Horto: Era, era o cachorro morto já né?
Joaquim: Eram as almas dos cachorros?
Maria do Horto: Sim, sim.
Joaquim: E os bichos tem alma?
*Maria do Horto: Não! Mas você não sabe que os poderes de Deus são grandes?*¹⁰

Um caçador salvo pelos cachorros ganha a malha nas memórias dessa narradora. Nascida em 1943 em Pacatuba, estado do Sergipe, residente na cidade de Juazeiro do Norte, desde o ano de 1987 Maria do Horto elabora e propaga canções e orações rimadas. Alta, magra e muito falante, ela apresenta nos adereços religiosos pendurados no corpo e na rapidez da voz suas marcas de romeira e devota do Pe. Cícero Romão Batista (1844-1934). A trama por ela urdida é narrada como uma história verdadeira, muito antiga e contada pelos mais velhos. Ela lembra como um homem bom, prestativo e benevolente com os cachorros foi para uma caçada. Durante a experiência ele se deparou com uma onça. Outrora, as pessoas contavam muitas histórias de pessoas desaparecidas nas matas do Cariri, a partir do encontro com aquele animal e/ou devoradas por ele, a exemplo das narrativas sobre a morte da “nega” ainda presente na tradição oral de jovens e idosos no tempo presente e, materializada em sua cova, situada no atual sítio Caatingueira, na zona rural do Crato (Santos e Silva, 2013).¹¹

Na trama contada por Maria do Horto, o caçador foi salvo pelos cachorros que ele ajudava. Ao chegar em casa e descansar, o caçador sonhou com os cachorros que o salvaram. Mortos, eles apareceram como se, com a permissão de Deus, viessem se despedir daquele

¹⁰ Entrevista realizada por mim a Maria José Inácio, em 14/09/2015, na Secretaria de Cultura e Romaria, cidade de Juazeiro do Norte.

¹¹ Semelhante a outros casos em que as tradições orais sofrem processos de midiaticização no tempo presente (Nunes, 2013), esse caso foi reproduzido em um documentário. Ver: *A Cova da Nega*, 23 minutos, Cor, Direção de Alex Josberto Sampaio e Marcos Xenofonte. Produção: Projeto Verde Vida. 2010.

homem bondoso e, assim, também ensinar: a certeza de que a fidelidade e a bondade no mundo dos vivos promovem a bonança terrena e divina, a exemplo de outras narrativas imbuídas em crenças religiosas que outrora circularam na Europa, como é o caso do cão santo, como Keith Thomas (2010) narrou.¹²

De toda forma, para a narradora há uma mensagem dos cachorros mortos: para o poder de Deus nada é impossível. Nesses termos, a lição daqueles bichos foi dada: é necessário ajudar e enterrar os mortos, bem como fazer caridade aos vivos, sejam eles pessoas ou bichos, posto que, como o amanhã é incerto, em um futuro momento de aflição terrena aqueles mortos podem interceder junto a Deus pelos que o ajudaram. Assim, a fidelidade e a caridade são ensinamentos constitutivos da narratividade.¹³

Os sonhos ajudam a revelar os mistérios dos tempos dos mortos no além. Entretanto, há casos em que os enigmas permanecem obscuros. Nas tramas urdidas no compasso da imaginação há desafios e exigências para os vivos. Se estes conseguirem entender e atender tais mensagens ou pedidos dos mortos, eles desnudarão os segredos.

Morador do espaço em que seu pai residia no passado, Alfredo Luiz Tavares, homem católico, alfabetizado, solteiro e de 40 anos, ex-agricultor aposentado por invalidez percorreu sobre uma situação cujo enigma permaneceu em suas lembranças: foi quando um defunto desconhecido irrompeu seu sonho. No momento em que narrava a tradição oral dos mais velhos, concernente aos poderes encantatórios da Pedra Branca, uma grande rocha localizada nas proximidades da sua morada, na encosta da Chapada do Araripe, ele falou:

Alfredo Tavares: Eu não vi, eu não vou dizer que vi. Nunca vi nada de encanto lá. Só tive um sonho uma vez. Eu sonhei que eu chegava lá, quando eu tava trabalhando, eu acho que também eu trabalhando lá, né. Eu chegava lá e eu subia mais um velho, o velho já tinha morrido, esse velho já tinha morrido. E eu subia mais ele e dizia:

— Procure aí uma faca virgem, um ferro virgem.

Aí eu:

— Quem tem? Quem tem?

Aí o velho chegava e dizia:

— Eu tenho uma, bora. Bora ali.

Aí nós saía. Aí quando nós chegava lá, lá tinha um cantim lá onde sonhei, o cantim tá lá. Aí ele dizia:

— Pegue a faca.

Aí eu botava a faca no chão assim. Aí ele dizia:

— Enfie a faca.

Quando eu tirava, ele dizia:

— Cheire, olhe.

Aí eu dizia:

— Oxente o que é isso, é sangue!

Aí ele disse:

¹² O cão mencionado "foi um galgo francês, morto injustamente após salvar uma criança de uma cobra na Diocese de Lyon; no século XIII a gente comum o conhecia como são Guinefort, e curas milagrosas de crianças doentes foram realizadas em seu túmulo até que os dominicanos suprimissem o culto" (Thomas, 2010, p. 151).

¹³ É importante frisar que em alguns folhetos de cordel circulantes no Nordeste há enredos nos quais cachorros fiéis e protetores dos seus donos foram versejados, a exemplo do escrito do paraibano Leandro Gomes de Barros (1865-1918), considerado um dos maiores cordelistas brasileiros. Cf. Barros, 2006.

— É. Aqui foi, é um anjo pagão que tem sepultado aqui.
Pronto foi isso que eu sonhei. Aí na hora que eu sonhei, eu acordei e disse:
— Cadê um ferro virgem pr'eu ir. Mas eu vou.
Aí levei uma faca velha mermo sem ser virgem, mas aí não encontrei nada lá não. Só que esse sonho eu tive.
Joaquim: E era na pedra, que dizia que tinha um anjo pagão?
Alfredo Tavares: Era na pedra, que tinha um anjo pagão lá (...). Num cantim lá, tem um tipo uma gruta, assim, feito na pedra mermo. Pra cada pedra tem uma pedrinha, tipo uma gruta. [...] Aí eu acordei. Aí eu digo:
— Oxente, que sonho é esse?
Aí eu peguei a faca. Eu não tinha faca virgem, mas eu subi. Eu subi meia-noite, quando eu acordei, pra ver se eu via. Mas quando eu cheguei lá... no mesmo dia na hora que eu acordei, foi meia-noite. Eu não sei que hora era aquela não, mas meia-noite. Aí subi pra lá, quando cheguei lá, fui pro mermo canto e não encontrei nada, só o vento. Não vi nada não, também eu não tinha levado a faca, que eu não tinha, né.¹⁴

Esse segredo revelado, no entanto, não foi comprovado. Conseqüentemente, ele permaneceu na obscuridade. Ao acordar, Alfredo procurou um instrumento de ferro "virgem" em sua casa. Não o encontrando, no entanto, não deixou de tentar resolver aquele desafio, mesmo sendo altas horas da noite, por ele identificada como meia-noite, o tempo compreendido na tradição oral como aquele no qual as forças dos dois mundos estão abertas, circulando intensamente.

Ao chegar ao mesmo local indicado no sonho, ele enfiou uma faca e nada lhe foi revelado. Naquela circunstância ele nada encontrou, a não ser a presença do vento. Mas, isso tem uma explicação, e foi o próprio narrador quem a explicitou: ele não levava um instrumento "virgem". Sua faca era velha, já usada. O narrador não mais voltou para realizar aquele desafio, pois o tempo passou, como se o momento adequado ou reservado para resolução daquele enigma fosse à meia-noite, logo após ter acordado do sonho. E aquele velho morto, presente no encontro onírico, bem como o anjo pagão, permaneceram enigmáticos.

Considerações finais? Apenas o começo da conversa...

Pelo exposto, é possível inferir a existência de comunalidades e singularidades tocantes às aparições dos mortos nos sonhos dos vivos da atualidade. Vê-los nas experiências oníricas significa, grosso modo, encontrá-los em circunstâncias específicas, enigmáticas e, às vezes, ambíguas, entre os dois mundos. Todavia, tais experiências apresentam signos culturais comuns à comunidade emocional dos narradores.¹⁵

¹⁴ Entrevista realizada por mim a Alfredo Luiz Tavares, em 10/10/2012, na sua residência, sítio Jatobá, Porteirias.

¹⁵ A noção de comunidade emocional foi usada em conformidade com a proposta de Rosenwenin (2011), que a considera constitutiva por grupos sociais em que os integrantes partilham as mesmas valorações acerca das emoções e formas de expressão.

Nas narrativas, as aparições tocam as dimensões da visibilidade e invisibilidade dos mortos, estando elas entrelaçadas às questões alusivas ao merecimento dos vivos e as demandas dos mortos. Segundo alguns narradores, como é o caso de Seu Nivaldo, para vê-los não basta querer, é necessário merecer. Além disso, não cabe aos narradores escolher os tempos das aparições, invocar ou desejar decifrar os estados e caminhos dos falecidos. São estes que, a contrapelo e imersos em muitos mistérios, invadem os sonhos durante os sonhos.

Nos registros orais gravados, os mortos impõem mensagens, às vezes sublimes, em outras desafiadoras. Em alguns casos, eles elucidam alguns mistérios de sua ascensão no outro mundo por meio de signos, gestos, cores, símbolos avistados pelos olhos da alma dos sonhadores. Em outras experiências, ele vem ao encontro dos parentes e da terra natal para se despedir, bem como cobrar obrigações relacionadas aos ritos fúnebres e as lições do tempo.

Os sonhos são narrados como mecanismos que ajudam a decifrar os mistérios temporais dos mortos no além e, igualmente, a resolver pendências terrenas dos parentes do falecido. Eles dão orientações aos narradores. Portanto, nas entrevistas, as memórias sobre o sonhar com os mortos colocam em cena a credulidade dos fiéis e as tentativas de interpretações dos estados temporais dos mortos e as expectativas sobre o futuro dos vivos.

De fato, considero tratar-se das especificidades de outra leitura sobre o tempo: são as temporalidades oníricas. Estes são canais pelos quais fendas e lampejos da eternidade se manifestam entre os vivos. Marcados pela singularidade da coexistência entre os dois mundos, pela possibilidade dos mortos e dos vivos transitarem entre o mundo terreno e as dimensões do além cristão no tempo do sonho dos sujeitos, os tempos oníricos são portais de acesso ao outro mundo sem, no entanto, se desprenderem do tempo terreno. Elas rompem a linearidade do calendário cristão, embora continuem vinculadas a ele, uma vez que os sonhadores permanecem presos ao mundo e ao tempo terrenos. Assim, as temporalidades oníricas são misturadoras do além e do aquém.

Sonhar com os mortos ajuda a entender e viver as dores urdidadas entre os dois mundos, um vivendo na concretude de seus labores e pesares, e outro construído nos férteis caminhos da imaginação. As artes das memórias apresentam recortes que tocam o emocional dos narradores e o transcendental urdido nos saberes partilhados e reinventados socialmente. Ao interpretar seus próprios sonhos, eles costumam as memórias como um artesanato, resultado da atuação de muitos artesãos do passado e do presente, fiadores da tradição, aproximando letra escrita e narrativas da voz, entrelaçando na imaginação o que é mais sensível: o desejo de eternidade.¹⁶

Outras questões intrigantes e instigantes tocantes aos sonhos com os mortos vieram à baila nos diálogos que teci com os narradores. Como esta história narrada no papel possui limites textuais (entre outros), deixo aqui um pouco de mistério, como os entrevistados também fizeram.

¹⁶ O termo *artes das memórias* foi pensado para designar o entendimento da memória como um artesanato que, tecido nas urdiduras do cotidiano, entrecruza o tempo lembrado e o tempo da lembrança; o individual e o coletivo; o material e o simbólico; a rememoração, o esquecimento e o silêncio; as paixões, a informação e os interesses; o pensamento racional e o emocional; O registro e sua invenção (Neves, 2009).

Referências Bibliográficas

ARROYO, María V. Jordán. *Sonhar a história: risco, criatividade e religião nas profecias de Lucrécia de León*. Bauru, SP: EDUSC, 2011. 255p.

BARROS, Leandro Gomes. *O cachorro dos mortos*. Lira Nordestina: Juazeiro do Norte, 2006. 32p.

BURKE, Peter. *Varietades de história cultural*. Tradução de Alda Porto. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 318p.

CATROGA, Fernando. *O Céu da memória: Cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)*. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999. 376p.

LAUWERS, Michel. *O nascimento do cemitério: lugares sagrados e terra dos mortos no Ocidente medieval*. Tradução Robson M. G. Della Torre. Campinas: Ed. Unicamp. 2015. 398p.

LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Tradução Manuel Ruas. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. 367p.

_____. *A bolsa e a vida: economia e religião na Idade Média*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 144p.

MARTINS, José de Souza. *Linchamentos: a justiça popular no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. 208p.

NEVES, Margarida de Souza. Nos compassos do tempo: a história e a cultura da memória. In: SOIHET, Rachel et. al. *Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 21-33.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. Mito, memória e comunicação: da tradição oral à oralidade mediatizada. In: SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria B. de. *Depois da utopia: a história oral em seu tempo*. São Paulo: Letra e Voz; Fapesp, 2013, p. 39-51.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. 3ª ed. Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. 136p.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. 357p.

ROSENWEIN, Barbara H. *História das emoções: problemas e métodos*. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2011. 70p.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. *No entremeio dos mundos: tessituras da morte da Rufina na tradição oral*. Dissertação (Mestrado em História e Culturas). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009. 227p.

_____ e SILVA, Toshik Iarley. A morte nas presas da onça: Memórias sobre a Cova da Negra. In: ANAIS DO II ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO / XII ENCONTRO CEARENSES DE HISTORIADORES DA EDUCAÇÃO, Fortaleza, Universidade



Federal do Ceará/UFC, 2013. [Cd-rom].

SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 328p.

_____. *O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo: ensaios de antropologia medieval*. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 388p.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relações às plantas e aos animais (1500-1800)*. Tradução José Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 537p.

Recebido em: 12 de setembro de 2017.

Aprovado em: 18 de novembro de 2017.

